

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DO ADOLESCENTE

**O LUTO NO ADOLESCENTE DIANTE DA PERDA POR MORTE DE UMA PESSOA
QUERIDA**

JULIANE CRISTINA GUIMARÃES SILVA

Belo Horizonte

2018

JULIANE CRISTINA GUIMARÃES SILVA

O LUTO NO ADOLESCENTE DIANTE DA PERDA POR MORTE DE UMA PESSOA QUERIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado de Pós-Graduação em Saúde do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção de título de Especialista em Saúde do Adolescente.

Orientador: Roberto Assis Ferreira

Nome: SILVA, Juliane Cristina Guimarães

Título: O luto no adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção de título de Especialista em Saúde do Adolescente.

Aprovado em: 12/12/2018

Banca examinadora

Professor Emérito Roberto Assis Ferreira

Instituição: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Professora Cristiane de Freitas Cunha

Instituição: Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Professor aposentado Miguel Mahfoud

Instituição: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

O LUTO NO ADOLESCENTE DIANTE DA PERDA POR MORTE DE UMA PESSOA QUERIDA

Juliane Cristina Guimarães Silva

Especializanda da Pós-Graduação em Saúde do Adolescente

Roberto Assis Ferreira

Orientador pleno do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (Área Saúde da Criança e do Adolescente) da Faculdade de Medicina da UFMG; Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais; Membro do NIAB (Núcleo de Investigação em Anorexia e Bulimia do Hospital das Clínicas/HC-UFMG)

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de discutir a partir da literatura o luto no adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida e visa compreender as particularidades deste processo, tendo em vista os desafios e os lutos vivenciados na adolescência. A pesquisa será guiada pelo questionamento quanto às possíveis complicações do luto no adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida e contará com uma revisão bibliográfica sobre a adolescência, o luto e o luto no adolescente, bem como se baseará na literatura produzida no campo da psicanálise, na Teoria do Apego e no Modelo do Processo Dual do Luto. A partir deste estudo observou-se que a carência de sustentação simbólica no adolescente e a perda de uma pessoa com a qual ele tinha um vínculo que lhe auxiliava na construção de sua identidade e que o protegia do sentimento de desamparo, assim como o acúmulo de demandas psíquicas que lhe são submetidas devem ser pautadas como possíveis complicadores para seu luto.

ABSTRACT

This study aims to discuss the grief in the adolescent, before the loss by death of a loved one, based on the literature and aims to understand the particularities of this process, considering the challenges and the griefs experienced in adolescence. The research will be guided by the questioning as to the possible complications of grief in the adolescent before the loss by death of a loved one and will have a bibliographical review on adolescence, grief and grief in the adolescent, as well as being based on the literature related to the psychoanalysis, the Attachment Theory and the Dual Process Model of Coping of Bereavement. From this study it was observed that the lack of symbolic support in the adolescent and the loss of a person with whom he had a bond that helped him in the construction of his identity and that protected

him from the feeling of helplessness should be ruled, as well as the accumulation of psychic demands that are submitted to him must be ruled as possible complicators for his grief.

PALAVRAS-CHAVE

Luto; Adolescência

INTRODUÇÃO

Este estudo apresentará uma revisão da literatura acerca do tema referente à adolescência, o luto e o luto no adolescente. Pontua-se que a relação profissional entre o pesquisador e esse tema iniciou-se no começo da faculdade de psicologia, no encontro com a área de conhecimento da Psicologia de Emergências e de Desastres, a qual tem bastante a contribuir para o trabalho com pessoas que perderam familiares atingidos por emergências ou desastres. A partir do estudo deste campo, indagou-se sobre a experiência tão comum, mas ainda de difícil elaboração, a qual é o luto.

O tema foi sendo desenvolvido a partir da prática como psicóloga que acompanhava o público adolescente tanto nas medidas socioeducativas, como no estágio no Ambulatório de Saúde do Adolescente chamado “Janela da Escuta”, do Hospital das Clínicas da UFMG. A escolha por este público deve-se ao desejo de compreender a singularidade com que cada adolescente vivencia a sua adolescência. Diante disso, deu-se também o interesse por entender a singularidade da experiência do luto no adolescente, considerando o conhecimento construído na literatura sobre a adolescência.

O estudo será guiado pelo questionamento em relação às possíveis complicações do luto no adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida. A hipótese desta pesquisa é a de que o luto no adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida apresenta características próprias diante do advento da adolescência e pode ser um processo de difícil elaboração. Tem-se a hipótese de que o adolescente utiliza estratégias de enfrentamento, ou melhor, apresenta recursos psíquicos durante o luto similares às de qualquer enlutado. No entanto, exige-se que se tenha atenção às respostas dadas por este sujeito, pois além de ser necessário um trabalho de elaboração desta perda, ele ainda precisa lidar com as demandas de sua adolescência. Por fim, têm-se as hipóteses de que a expressão de emoções e de sentimentos ligados à perda e a existência ou não de uma pessoa que exerça o papel de referência ou de sustentação simbólica para com o adolescente são fatores importantes para seu luto.

Assim, o objeto de pesquisa deste estudo é o luto no adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida. A pesquisa apresentará uma revisão bibliográfica a partir da literatura acadêmica sobre três tópicos: Adolescência; Luto e Luto no Adolescente, com vistas a encontrar respostas à pergunta da pesquisa. A pesquisa contará com uma literatura baseada, em sua grande maioria, na psicanálise, na Teoria do Apego de Jonh Bowlby, a qual embasa o conceito de luto de Luciana Mazorra (2009) e que também será abordado nesta pesquisa, bem como no Modelo do Processo Dual do Luto, os quais serão abordados pela literatura colhida no livro “A intervenção psicológica em emergência: fundamentos para a prática”, organizado por Maria Helena Pereira Franco (2015).

O luto é um tema que carece de aprofundamento, pois, normalmente, durante a existência cada indivíduo vivencia pelo menos uma perda significativa devido à morte de uma pessoa.

O luto remete a assuntos relevantes, mas também espinhosos para o ser humano, como a morte e a falta real e permanente de uma pessoa. Essas serão questões primordiais a serem discutidas, visto que um dos motivos para tal é observado na literatura levantada por este estudo, o qual aborda a importância de que os enlutados possam manifestar o luto nas suas relações.

Este estudo tem o objetivo de discutir a partir da literatura sobre o luto no adolescente diante da perda de uma pessoa querida, o qual se faz importante de ser alcançado porque, segundo a literatura apontada neste estudo, durante a adolescência o sujeito apresenta alguns lutos próprios e, além destes lutos inerentes à adolescência, ele apresenta desafios relativos à esta fase da vida, tendo em vista as mudanças corporais, psíquicas e as exigências sociais. Portanto, diante deste turbilhão de questões que a adolescência apresenta ao sujeito, faz-se necessário compreender o que há de particular na vivência do adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida, sendo esta uma experiência que se coloca para além das questões que ele enfrenta, normalmente.

Faz-se necessário compreender o que é uma pessoa querida, visto que não necessariamente o sujeito vivenciará o luto frente à morte de qualquer indivíduo presente no seu laço social. A escolha deste termo “pessoa querida” deveu-se ao uso do termo “ente querido” utilizado por Mazorra (2009) em sua pesquisa sobre o luto, o qual dará relevante contribuição para este estudo. Como não há o objetivo de limitar o objeto de estudo para a perda por morte de um ente ou familiar querido, utilizou-se o termo “pessoa querida”. Para uma breve compreensão quanto a esse termo, segundo Nascimento et al. (2006) o objeto

perdido tem para o enlutado significativo valor, além do vínculo construído com este se releva discriminado e distinto dos demais para o enlutado. Aponta ainda que, segundo a Teoria do Apego, a qual será mais bem abordada adiante, observa-se esse tipo de relação entre o enlutado e a pessoa perdida, pois a perda deste vínculo pode acarretar relevante sofrimento para o primeiro, e, além disso, vir a gerar sensações de insegurança semelhantes a quando se separava de sua principal figura de cuidado na tenra infância. O vínculo com essa pessoa querida faz-se tão importante para o sujeito que a perda dela pode causar a vontade consciente ou inconsciente de permanecer atrelado ao objeto perdido.

A busca do entendimento sobre o luto no adolescente diante da morte de uma pessoa querida, através de uma revisão bibliográfica, pode provocar, posteriormente, pesquisas acadêmicas sobre temas que afetam a vida dos adolescentes, tais como: a perda de vínculos significativos e o enfrentamento a esses tipos de perda; a própria morte; o apoio social aos adolescentes enlutados; o reconhecimento do luto como uma forma relevante de sofrimento humano; as características intrínsecas da adolescência e como elas influenciam no luto e tratamentos em saúde para adolescentes enlutados.

Este estudo sobre o luto no adolescente tem a premissa de que cada sujeito vivencia o luto de uma maneira única e singular, o que não impede que este processo seja analisado a partir do que se observa nas pesquisas levantadas.

Ouçamos inicialmente um trecho instigante do poema “Alma Viajeira” de Daniel Lima, o qual estimula reflexões sobre o tema a ser apresentado:

Aonde irás ter, perguntas, se de novo tiveres de seguir outros caminhos no fim desses caminhos já seguidos? (...) A estrada chama, a alma chama, os pés chamam, a vida chama. Andar, sair, caminhar sempre – é isto o que tens a fazer, eterno peregrino.

ADOLESCÊNCIA

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a partir da literatura o luto no adolescente diante de perda por morte de uma pessoa querida. Será necessário, primeiramente fazer uma breve revisão bibliográfica sobre a adolescência e, posteriormente, sobre o luto e o luto no adolescente.

Na literatura foi observado que há modos de compreender a adolescência, mas que, a princípio, não são divergentes a ponto de não conversarem. Ferreira (2016) argumenta que a adolescência é um sintoma da puberdade, ou seja, um sintoma que responde às transformações biológicas (físicas e hormonais) e às demandas que vêm do campo do Outro, presentes neste período da vida. O sintoma é como uma forma de lidar, um ponto de

ancoragem ou como o autor mesmo aponta: algo no qual o sujeito possa se segurar diante das questões enfrentadas durante a vida, ou melhor, diante da difícil travessia da infância e da adolescência para a vida adulta.

Ferreira (2016) converge com o entendimento de Lacadée (2011) e de Stevens (2004), ao passo que eles também compreendem a adolescência como uma resposta sintomática do sujeito diante do advento da puberdade, ao passo que o último destaca em seu estudo um leque de respostas sintomáticas possíveis frente à invasão pubertária.

Osório (1991) aponta diferentes aspectos que caracterizam a adolescência, sendo esta definida como um complexo psicossocial, sob uma base biológica, na qual se apresentam: alteração da representação mental do corpo; o processo de individuação do sujeito através da passagem da dependência infantil para a aquisição de relações objetais buscadas no meio externo à família; busca por identificações no grupo de seus semelhantes; enfrentamento ou distanciamento de seus relacionamentos com a geração que antecede o sujeito; vivência e significação dos lutos relacionados à perda da condição de criança; obtenção de uma escala de valores; anuência dos ritos de passagem para a condição de adulto e por fim, presença de funções ou de papéis sexuais auto-outorgados.

Há diferentes entendimentos na literatura sobre a adolescência, mas que de certa maneira convergem para pontos centrais sobre esse período da vida humana. Um desses pontos refere-se à transformação do corpo, sobre a qual o adolescente precisa enfrentar, mas que demanda tempo para que ele resolva no campo simbólico tanto essa quanto outras questões referentes à adolescência (TANIS, 2009). Aberastury (1990) expõe que as modificações no corpo do adolescente, progressivamente, alteram a percepção do sujeito sobre seu esquema corporal. Assim, o grau de normalidade de um adolescente e a integridade do seu ego podem ser avaliados pela forma como ele lida com o próprio corpo.

As transformações são vivenciadas como uma invasão, pois esquemas corporais do adulto precisam ser internalizados e aqueles relacionados ao corpo de criança precisam ser abandonados. Portanto, há uma modificação na imagem corporal a qual é resultante das transformações corporais reais e incontestáveis que ocorrem na adolescência que levam o sujeito a lidar com o conflito pela perda do corpo infantil (ABERASTURY, 1990). Lacadée (2011) relata que este corpo na adolescência desmantela aquele sentimento de não perturbação ou de despreocupação presente na infância e, à medida que o corpo se transforma, o sujeito se defronta com algo que é desconhecido para ele. O sujeito não encontra palavra para nomear o que ocorre no seu corpo em transformação e no encontro com o objeto sexual

fora da matriz familiar, pois ele foi banido tanto do corpo quanto da linguagem infantil. Como diz Ferreira (2016) na adolescência há um egresso da infância diante do afloramento da puberdade e o simbólico construído durante a infância não oferece recursos para que o adolescente enfrente as situações vivenciadas nesta fase da vida. A posição de Stevens (2004) corrobora esta argumentação ao afirmar que a eclosão da puberdade “faz com que quaisquer que sejam as palavras que o outro lhe diz, as palavras das quais a criança que se torna púbere disponha não correspondam ao que lhe acontece” (pag. 33).

O luto pelo corpo infantil na adolescência é descrito por diferentes autores como uma perda daquilo que representava a infância. Dias (2000) relata que o adolescente perde o corpo da primeira infância e em contrapartida, inicia-se um mal-estar referente ao seu corpo em transformação, visto que este corpo o questiona e se torna estranho a ele, pois remete às questões relacionadas à sexualidade. Relata ainda uma perda da imagem infantil narcísica, a qual era suportada e apoiada pelo desejo narcísico dos pais ao conceberem um filho. Brêtas et al. (2008) argumentam que o luto pelo corpo infantil compõe uma fase que caracteriza a transposição da infância para a adolescência e que esse luto pela infância perdida, como também pela identidade e pelo papel infantil faz-se necessário para que o adolescente desenvolva sua própria identidade.

O processo de perda do corpo infantil e de gradual aquisição do corpo adulto na adolescência assemelha-se a uma trajetória entre a infância e a vida adulta. Como bem diz Osório (1991), a adolescência é marcada por perdas daquilo que caracteriza a infância, como a dependência e a linguagem infantil, e, em contrapartida, por aquisições em pontos que representam a vida adulta, como os referentes à sexualidade, à autonomia e à forma de comunicação. Diante deste cenário, a perda do corpo e do papel infantil envolve a gradual separação/individuação dos pais, também relatada pelo mesmo autor. Ele argumenta que ao mesmo tempo em que o adolescente se dispõe a manter a fusão com a família, ele é impulsionado a criar sua própria individualidade, com o objetivo de adquirir sua identidade.

A sexualidade na adolescência é outro ponto abordado na literatura. Aberastury (1990) relata que o objeto de amor no mundo externo ao ambiente familiar é buscado pelo adolescente e, para tal, ele precisa se desprender dos pais e perder aquilo que já é conhecido por ele. Portanto, precisa realizar mudanças no seu mundo externo para garantir a satisfação de suas necessidades, mesmo com a angústia devido à abdicção de seu próprio mundo e às transformações internas as quais não consegue controlar. Osório (1991) relata que a sexualidade tem um papel estruturador da identidade do adolescente efetivada por meio da

imagem que ele tem do próprio corpo, a qual é influenciada por experiências e fantasias. Na mesma linha associativa, o autor afirma ainda que o objetivo primordial da adolescência é o alcance da consciência de si próprio como ser no mundo, ou seja, do sentimento de identidade pessoal.

Tanis (2009) identificou um paradoxo na adolescência, ao analisar através de pesquisas acadêmicas que, concomitantemente a presença de comportamentos de risco, o adolescente também apresenta o desejo do alargamento do período infantil, ou seja, daquilo que remete ao que é considerado seguro e conhecido para o sujeito, fazendo movimentos para tal como uma estratégia de defesa diante das mudanças corporais. Afirma ainda que o adolescente se encontra extremamente sensível no que se refere ao seu ambiente interior ao mesmo tempo em que encara contínuas demandas do ambiente externo. No entanto, ele ainda não desenvolveu recursos mentais suficientes para gerir as emoções e os sentimentos que se apresentam em demasia e com nível elevado de complexidade.

Segundo Ruffino (1993) a adolescência é primordial para que o indivíduo constitua sua subjetividade e para a constituição do ser adulto. Tal afirmação foi concluída pelo autor após a sua exposição dos conceitos de imaginário, real e de simbólico desenvolvidos por Jacques Lacan, os quais serão apresentados em seguida.

O imaginário adquire para o sujeito como algo da imagem, da representação. A compreensão deste conceito é facilitada ao situarmos o imaginário como a realidade psíquica que se dá de forma imediata ao sujeito, sendo, portanto, conhecido por ele.

O simbólico, sendo este exposto como algo que não somente produz, mas também sustenta a subjetividade, oferece uma ordem reguladora e mediadora entre o sujeito e as coisas com as quais ele se depara. Ele regula a distância entre o sujeito e o mundo, possibilitando a inserção do sujeito na cultura e na linguagem. O simbólico mostra-se como Lei, possibilitando o laço social entre os seres humanos e inscrevendo elementos no inconsciente, sendo, portanto, constitutiva da subjetividade. Desta forma, o simbólico, diferentemente do imaginário, não é algo que somente representa, mas que gera consequências no psiquismo. Ressalta-se que essa ordem dada pelo simbólico possibilita que a subjetividade seja compreendida através da lógica da temporalidade histórica do sujeito e inscreve-se através de uma produção de significantes. Segundo Ruffino (1993), o sujeito é “efeito da ordem simbólica que o constitui” (pag. 26).

O real, assim como o simbólico, também acarreta efeitos no psiquismo. No entanto, tais efeitos do real apresentam-se para o sujeito como algo confuso, indecifrável, estranho,

sendo o encontro com o real nomeado pelo autor como sideração, pois esses acontecimentos no psiquismo mostram-se ao sujeito como “siderantes”, visto que não se inscrevem como uma produção de significantes.

Desta forma, segundo Ruffino (1993) a adolescência é uma das propriedades presentes na existência humana que produz subjetividade pelos seus acontecimentos, sendo assim, relativa à ordem simbólica. O autor argumenta que o início do adolecer revela-se para o sujeito como algo do estranhamento, o que pode situar a adolescência no real, mas não é razoável considerá-la apenas como algo que sidera o sujeito, nem mesmo pode ser diminuída ao imaginário, como se fosse somente um efeito das representações.

Segundo esse mesmo autor, a teoria lacaniana apresenta um conceito importante para a compreensão da adolescência, o qual é denominado Campo do Outro, sendo este campo “tanto do desejo quanto do mundo em meio ao qual circula o sujeito” (pág. 35). O Campo do Outro incide para o indivíduo como aquilo que é demandado do Outro e, por isso, exige dele uma resposta. O sujeito que vivencia as mudanças geradas pela puberdade e defronta com as exigências sociais que advém do final da infância encontra-se com o real, sendo este o encontro que sidera o sujeito, que gera aturdimiento. Haja vista que o sujeito ainda não compreende, nem mesmo conhece a demanda do Outro, ele precisa adolecer, vivenciar a adolescência para construir uma produção significativa capaz de simbolizar a demanda que vem do Outro e afastar-se da sideração.

A adolescência apresenta-se então, como uma atividade do psiquismo a qual tem o propósito de capacitar o sujeito para adquirir ou reafirmar recursos simbólicos que possibilitem a assimilação de significantes que façam frente a esse encontro com o real. Adolecer é uma tarefa que precisa ser executada de maneira solitária, sendo este um momento da existência na qual o sujeito tem a oportunidade de inventar modos de atravessar esse percurso (RUFFINO, 1993). Desta maneira, o autor converge com o entendimento de que a adolescência é um sintoma, compreensão a qual pode ser associada ao entendimento de Ferreira (2016), Lacadée (2011) e Stevens (2004). Ressalta-se também a importância dada pelo autor quanto à estruturação subjetiva do adolescente definida anteriormente ao processo de adolecer, visto que sendo a adolescência uma tarefa do ser humano, depende dos limites e das possibilidades dadas pela organização edípica que determinou essa estruturação.

Ruffino (1993) também aborda, através da literatura lacaniana, a adolescência enquanto operação subjetiva que possui um percurso que ocorre em três tempos, com uma

temporalidade lógica, mas não vinculada a um tempo cronológico. Esses três tempos são: 1) instante de ver; 2) tempo de olhar e 3) momento de concluir.

O instante de ver é aquele em que o adolescente é acometido pela puberdade e como dito anteriormente, ele defronta-se com uma demanda que vem do Campo do Outro a qual não consegue traduzir. O sujeito não possui sustentação simbólica para significar esse encontro com o real, por isso o sujeito encontra-se siderado, sem condições de oferecer respostas para a demanda que advém do Outro. Diante da impossibilidade de responder através de uma construção subjetiva e, além disso, ao perceber-se na atordoante sideração frente ao encontro com o real, o adolescente precisa encontrar recursos para atender ao pleito advindo do Outro por meio de respostas no campo do simbólico. Observa-se que essa compreensão leva novamente a situar a adolescência como um sintoma.

O tempo de olhar, diferentemente de ser um instante ou um momento imediato, é uma travessia à procura de um significante que dê ancoragem para o sujeito. Neste tempo, o adolescente irá se questionar quanto ao que o Outro deseja dele e em qual lugar o Outro o coloca, para que assim possa construir um discurso o qual ele possa se reconhecer, bem como saber se tem condições de resposta e como a realizará. O tempo de olhar é um tempo de buscar e de dar significados, tempo de elaboração, é o tempo de exercer a adolescência.

O momento de concluir é o período de resolução da adolescência e de evidenciação das características de um jovem adulto. É o momento no qual o sujeito inscreverá a própria construção subjetiva através de um significante para responder à demanda do Campo do Outro, ou seja, o sujeito apresentará um discurso sustentado por um dispositivo simbólico que enfrentou esse encontro com o real.

Lacadée (2011) remete a uma resposta singular de cada adolescente frente às questões advindas da adolescência, pois o sujeito que antes se sustentava em uma linguagem infantil, agora tem o trabalho de construir para criar a sua própria solução, visto as consequências do encontro dele com seu desejo sexual. Ressalta que o adolescente não dispõe de uma resposta acabada frente tanto à puberdade que se apresenta no seu corpo e quanto ao encontro com o outro objeto sexual. Diante desta situação a qual se apresenta ao adolescente, o autor diz que este tem a oportunidade de arquitetar uma resposta e uma história singulares, ou seja, de construir com suas palavras uma cadeia significativa na qual busque uma inserção na sociedade não mais baseada, exclusivamente, no desejo do Outro, mas na percepção que tem de si mesmo e do ambiente externo.

O autor acima citado ainda sustenta que o adolescente pode elaborar uma maneira de nomear as questões vivenciadas na adolescência e para tal, ele precisa achar um lugar para o endereçamento de seu sofrimento, um lugar no qual possa haver uma nova tradução para que assim, haja uma nova inscrição no laço social.

LUTO

Considerando o objetivo deste estudo, faz-se necessário discorrer sobre o luto em si e, posteriormente, abordar o luto especificamente no adolescente.

Um conceito de luto encontrado na literatura foi trazido por Mazorra (2009) em sua tese de doutorado. De forma a compreender o conceito antes que ele seja exposto, serão esclarecidos os conceitos de “apego” e de “modelos operativos internos”, ambos desenvolvidos por John Bowlby e explorados nesta mesma tese de doutorado e por alguns autores apresentados a seguir.

O apego de John Bowlby foi abordado no livro de Parkes (2006), no qual ele o descreve como a forma de o sujeito estabelecer e vivenciar seus relacionamentos, tendo sido desenvolvidos a partir do vínculo criado pelo sujeito com suas figuras de cuidado na infância. Afirma ainda que o vínculo construído na infância serve como um modelo para o desenvolvimento dos futuros relacionamentos. Tanto Parkes (2006) quanto Mota (2008) relatam que o apego tem a função tanto de proteger quanto de garantir a sobrevivência da pessoa, ressaltando que este não é imutável ou inflexível, mas está sujeito a transformações durante a vida, sendo possível de ser adaptado ao longo do desenvolvimento do sujeito. Expõem ainda que a função da figura de apego, ou seja, da pessoa que serve de referência nos cuidados, é oferecer segurança para que o indivíduo explore o mundo, sendo que essa segurança influenciará em como ele perceberá a si e ao mundo, bem como na sua própria percepção quanto a confiar em si e no outro.

Os modelos operativos internos integram os comportamentos relacionados ao apego e influenciam significativamente na forma como o indivíduo percebe e entende o mundo e os seus eventos, além de como planeja e desenvolve suas metas e suas expectativas. Os modelos operativos internos da figura de apego são julgamentos que o sujeito constrói sobre a possibilidade de confiar nesta figura e se esta é acessível e disponível ao vínculo (MAZORRA, 2009).

Após essa breve explanação, cabe incluir o conceito de luto apresentado por Mazorra (2009):

O luto é o processo normal e esperado de elaboração psíquica e enfrentamento da vivência de perdas significativas, normativas ou não-normativas, que implica a transformação e resignificação com aquilo que foi perdido. Em se tratando da perda de um ente querido, há um vínculo internalizado que se mantém e é resignificado ao longo do trabalho de luto, por meio da revisão de modelos operativos internos. Neste sentido, pode ser entendido como um processo de construção de significado (pag.9).

Esse conceito traz um aspecto importante ao considerar que o luto é um processo de encontrar, de buscar significado e que acarreta uma mudança na relação com o objeto perdido e um trabalho que possibilita a elaboração desta experiência. Nesta construção de significado, o sujeito constrói uma narrativa individual que tem a função de organizar tanto o próprio discurso quanto a situação vivenciada, gerando consequências na relação do indivíduo com o próprio self e com o mundo. Portanto, durante o luto há a necessidade de uma revisão por parte do sujeito dos modelos operativos internos tanto de si quanto do mundo, já que ele precisa resignificar e modificar a relação com a pessoa perdida (MAZORRA, 2009).

A mesma autora encontrou em seu processo de pesquisa os significados centrais no luto, os quais continham sentimentos, desejos e mecanismos psíquicos que diziam sobre a procura de significado para o ocorrido, ou seja, não era apenas uma atribuição de significado, mas uma verdadeira busca. Além disso, tais significados falavam da modificação da própria identidade individual, da transformação da relação com a pessoa perdida e da compreensão sobre os benefícios gerados pela perda.

Mazorra (2009) argumenta que o apego tem papel fundamental na organização do significado, além de ser fundado em diferentes campos das relações e ligado ao modo como as pessoas interpretam a si mesmo e ao mundo, seja este a sociedade, as crenças, os valores, etc. Segundo a visão de Jonh Bowlby, abordado por esta mesma autora, a maneira de vivenciar a quebra do vínculo diante da morte de uma pessoa querida está pautada no modo que ele foi estabelecido com as figuras de apego na infância.

Portanto, os vínculos construídos na infância e, principalmente, a qualidade destes será determinante não somente na constituição de novos vínculos nas demais fases do desenvolvimento, mas também na presença de recursos para o enfrentamento de perdas de pessoas amadas (MELES, 2014). Mota (2008) acrescenta que até mesmo as respostas presentes no luto as quais visam reintegrar o vínculo com a pessoa perdida são reações aprendidas na fase infantil com os principais cuidadores.

Parkes (2006) também corrobora com o parágrafo acima ao afirmar que as formas de enfrentamento da perda são fortemente influenciadas pelas crenças e estratégias desenvolvidas a partir dos vínculos construídos na infância. Portanto, o apego desenvolvido nesta fase da vida é fundamental para ofertar recursos ao sujeito durante os momentos de perigo nas fases posteriores.

Existem, basicamente, dois estilos de apego, o apego seguro e o apego inseguro. No primeiro, normalmente o indivíduo teve pais ou responsáveis que atendiam às suas necessidades de segurança, reforçavam sua autonomia e ofertavam a confiabilidade suficiente para que ele explorasse o ambiente, sendo assim, um espaço propício para o desenvolvimento de modelos operativos internos de valorização e de suporte. No segundo, os vínculos com a figura de apego eram instáveis e ambíguos, contribuindo para a construção de modelos operativos internos de insegurança e de desvalorização. Portanto, o papel do apego é garantir a segurança e desenvolver a confiança em si e no mundo, sendo este influenciado significativamente por experiências com uma figura parental ou de cuidado a qual tem disponibilidade e responsabilidade (PARKES, 2006).

O indivíduo que desenvolveu um apego seguro na infância apresenta condições importantes para a elaboração do luto como uma visão positiva de si e do mundo, acompanhada por uma confiança básica nos outros a qual possibilita relações de proximidade e de apoio recíproco. Além disso, a pessoa com apego seguro tende a se considerar digna de amar e de ser amada. Desta maneira, observa-se que o indivíduo apresenta recursos de superação frente à perda. Em contrapartida, o sujeito que desenvolveu o apego inseguro apresenta mecanismos de defesa os quais não permitem que ele aceite a própria falta do apego, causando-lhe empecilhos para a transformação da relação com o falecido e para a resignificação da relação com pessoa que morreu (MAZORRA, 2009).

Diante disso, o apego influencia o luto diante da perda de uma figura significativa para o sujeito, fazendo-se primordial que aconteçam mudanças nas representações internas e que sejam reorganizados os vínculos que permaneceram para que a perda seja aceita (PARKES, 2006).

Segundo Meles (2014) o luto é vivido de maneira singular e que algumas características do indivíduo são importantes para compreendê-lo, como a idade do enlutado. A autora relata que John Bowlby acreditava em um padrão comportamental básico do luto, apesar de haver variações de pessoa para pessoa. Foram formuladas pelo autor, basicamente, quatro fases: 1) fase no qual a pessoa apresenta um torpor ou aturdimento ao receber a notícia

do falecimento; 2) fase da saudade, na qual a progressiva conscientização da perda da pessoa amada acarreta intensos episódios de choro e de agitação, além de também ser uma fase de procura da pessoa perdida ou um desejo de reencontrá-la; 3) fase de desorganização e de desespero, pois o indivíduo tem a percepção da impossibilidade de alteração da perda e, então, aceita-a. No entanto, nesta mesma fase defronta-se com a necessidade de construir novos padrões de vida e até de abandonar hábitos ou planos realizados com a presença do objeto amado, podendo gerar bastante dor e sofrimento. No final deste momento crítico o sujeito pode desenvolver recursos para enfrentar as consequências da perda; 4) fase da recuperação, seja ela de maior ou menor grau, o sujeito exerce novas funções e planeja novos projetos de vida. Cabe ressaltar que, segundo Mota (2008) Bowlby conceituou que, independentemente dos resultados do luto, este se apresenta como um trabalho psíquico e requer ajustamento social.

Meles (2014) relata que a ressignificação no luto se difere de uma resolução, visto que as construções do indivíduo no decorrer de sua existência, necessariamente, terão que considerar a perda permanente do objeto. A autora acrescenta que buscar um novo significado para a perda não converge com a proposição de que a resolução do luto requer o desligamento emocional da pessoa querida, ou seja, a finalização do luto não pressupõe que o sujeito deixe de expressar sentimentos e emoções relativas à perda. Bousso (2011) também afirma que não há uma resolução ou um retorno à normalidade no luto, mas que é preciso que o sujeito prossiga sua existência com a premissa da aceitação da perda, visto que há uma natural e contínua relação com o objeto perdido a qual deve ser transformada diante da ausência real e imutável da pessoa querida.

Maria Helena Pereira Franco (2015) organizou um livro com a participação de diferentes autores o qual contém um capítulo específico sobre o luto desencadeado por desastres. Apesar de não ser esse o foco desta pesquisa, este trabalho trouxe contribuições importantes para a compreensão do luto. Neste mesmo trabalho, Gregio et al. (2015) apresentam dois conceitos importantes: aquele que se refere ao mundo presumido desenvolvido por Colin Murray Parkes em 1971 e o Modelo do Processo Dual do Luto, desenvolvido por Stroebe e Schut em 1999, os quais serão apresentados a seguir.

O mundo presumido é aquilo que sabemos ou achamos que sabemos sobre algo, é a nossa percepção e compreensão quanto às nossas metas e crenças, sobre o que entendemos do passado já vivido e as nossas esperanças para o futuro. É como uma base segura da qual o sujeito pode caminhar porque tem conhecimento de sua trajetória e de como as coisas

normalmente funcionam. No entanto, as características do mundo presumido de cada pessoa não conseguem permanecer o mesmo diante da morte de uma pessoa querida. O mundo presumido deverá se modificar para lidar com a concretude e com permanência da perda, assim como com a falta daquilo que era presente. Esse conceito associa-se com a noção de busca de significado durante o processo de luto trazido por Mazorra (2009), pois no trabalho com o enlutado é necessário averiguar aquilo que foi transformado no mundo presumido do sujeito e quais os recursos ele utilizou para fazê-lo, desenvolvendo assim, novos significados para a perda, assim como para a morte e para como ele enxerga a si mesmo e a sua existência.

O Modelo do Processo Dual do Luto é composto por algumas teorias como, por exemplo, a psicanálise, mas apresenta sua singularidade ao considerar que a adaptação do sujeito frente à perda ocorre por meio de um processo de oscilação regulatório e dinâmico entre o enfrentamento orientado para a perda e o enfrentamento orientado para a restauração. O primeiro caracteriza-se por reações de diferentes campos, como psicológicos, físicos e sociais em decorrência da ruptura do vínculo com a pessoa querida e das perdas secundárias associadas à perda central. Um exemplo disso é rever as fotos da pessoa perdida ou chorar durante as lembranças. O segundo tipo de enfrentamento é tudo aquilo que o sujeito enlutado oferece para a restauração e para a adaptação sem a pessoa querida, além do novo significado elaborado para uma vida sem ela. É imprescindível ressaltar que este processo ocorre por meio de uma influência mútua entre o funcionamento psíquico e o seu ambiente, este último marcado por dinâmicas familiares, conjunturas sócio-históricas, tipo de vínculo com a pessoa falecida e por recursos possuídos ou desenvolvidos pelo enlutado.

O luto o qual apresenta um quadro patológico é compreendido pelo Modelo do Processo Dual do Luto como aquele em que o indivíduo vivencia de maneira inflexível e profunda um ou outro polo, seja voltado para a perda ou para a restauração. Por isso, faz-se necessário para a adaptação frente à morte da pessoa querida que o sujeito pendule entre um extremo e outro, ou seja, vivencie as consequências da perda ao externar os sentimentos, emoções e interpretações ligadas a ela, mas que também exerça novos investimentos e retome as atividades anteriores que lhe eram importantes.

O entendimento de que o processo normal do luto requer uma regulação entre o enfrentamento orientado para a perda e o enfrentamento orientado para a restauração pode ser mais bem alcançado pela compreensão dada por Mazorra (2009) de que a elaboração normal do luto requer uma profunda reconstrução do mundo interno, sendo o sujeito disposto a ter que se haver com seus objetos internos e externos. Desta forma, o sujeito encontra-se

fortalecido pela vivência desta experiência e pela confiança em alcançar a superação da perda, com a premissa de que conhece sua própria impotência diante da realidade da morte. Meles (2014) afirma que no luto elaborado, o objeto perdido é internalizado nas memórias e nas lembranças do enlutado após um processo de ressignificação e expressão da dor provocada pela morte.

No estudo de Mota (2008) são descritos alguns pontos relevantes para compreender a experiência do luto para cada sujeito considerando as diferentes nuances e características do indivíduo, como sua estrutura psíquica, história de vida, o relacionamento que tinha com pessoa falecida, o ambiente em que vive e como ocorreu a morte. Considerar as perdas anteriores vivenciadas pelo sujeito também é relevante, especialmente se essas foram sucessivas, como a morte de parentes em um curto período ou outras perdas significativas e concomitantes, mas que não necessariamente envolveram a morte de uma pessoa amada. A função que o falecido exercia na vida da pessoa e na estrutura familiar também é primordial, visto que essa função pode ter que vir a ser executada pelo enlutado, acarretando em uma mudança significativa na rotina e nas responsabilidades dele e, além disso, gerar tensões e carências simultâneas à experiência de luto. As circunstâncias da morte devem ser consideradas para o entendimento do luto, visto que é encontrada na literatura uma diferença do luto frente à forma que a morte ocorreu, como, por exemplo, se ela foi esperada ou traumática e repentina.

A mesma autora enfatiza a importância de entender a dinâmica e o contexto familiar do sujeito para analisar seu luto ao pontuar a relevância do apoio mútuo entre os membros da família após a morte de uma pessoa querida, tendo como base de análise a coesão ou a união familiar; a flexibilidade dos arranjos familiares; o exercício de diferentes funções na rede familiar; a comunicação, principalmente quando esta se encontra impedida; a existência ou não de família extensa da qual pode contar com recursos, tanto afetivos quanto econômicos, além da presença ou não de seguridade econômica do núcleo familiar.

Freud (1996) influenciou vários pesquisadores através de seu trabalho “Luto e Melancolia”, o qual faz uma comparação entre as características do luto e da melancolia. O autor expande o conceito de luto ao apresentá-lo não como apenas a resposta à perda por morte de uma pessoa significativa, querida e amada, mas também à perda de uma abstração a qual tomou o espaço desta pessoa. Esse estudo contribuiu bastante ao considerar o luto como uma reação normal, esperada e não patológica e que, por isso, não cabem intervenções médicas para cessá-lo. Ressalta que o luto é sim, um quadro de extremo sofrimento no qual o

sujeito vive intensamente somente para aquilo que está relacionado ao que foi perdido. Não há interesse por aquilo que não lembra a pessoa perdida, como as demandas do mundo externo e a adoção de novos relacionamentos afetivos. No entanto, diante da realidade e da permanência da perda do objeto, gradualmente há um desligamento da libido com aquilo que foi perdido. A libido vinculada às recordações e às esperanças relacionadas à pessoa perdida é desconectada no decorrer de um período longo e com um gasto significativo de energia psíquica. Esse desligamento libidinal ocorre paulatinamente sobre cada expectativa e cada lembrança relacionadas ao objeto amado, à medida que a prova da realidade sobre a perda se torna concreta na vida do sujeito.

Não obstante, mesmo o autor reconhecendo que o luto é uma experiência desagradável e de intenso pesar, ele também considera que há grandes possibilidades de recuperação. Desta forma, gradualmente o ego retirará sua libido da pessoa que morreu, havendo elevadas possibilidades de ele ser capaz de desenvolver novos vínculos e de manter aqueles existentes.

A comparação que o autor aborda entre o luto e a melancolia considera que ambas essas condições são influenciadas por causas externas semelhantes, como a perda por morte de um objeto amado. Portanto, indivíduos afetados por condições ambientais parecidas que geram a perda de um objeto podem apresentar tanto o luto quanto a melancolia e o que parece influenciar a última é uma disposição patológica.

Freud (1996) observa que tanto no luto quanto na melancolia encontra-se um exaustivo sofrimento, interrupção da habilidade para investir em novos objetos amorosos e desinteresse por atividades externas. No entanto, expõe diferenças significativas entre os dois ao conceituar que no luto a perda se faz consciente para o sujeito, dado que a própria perda evidencia a inexistência contínua e concreta do objeto. Sendo assim, a percepção da realidade faz predominar o luto como resposta, mesmo que as pessoas tenham dificuldades de abandonarem suas ligações libidinais. Diferentemente, na melancolia o sujeito não consegue perceber o que foi perdido, pois esta perda não é consciente. Como o autor descreve, na melancolia o sujeito “sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém” (pág. 144), portanto, essa perda não é clara e nem evidente para o sujeito.

Outra diferença significativa apontada pelo autor refere-se ao lugar em que se apresenta um esvaziamento de investimento e de afeto. No luto, é o mundo exterior que se torna empobrecido, porém na melancolia é o próprio ego, haja vista que o melancólico exhibe extremados sentimentos e percepções de menos-valia sobre si mesmo, bem como respostas autopunitivas e auto recriminatórias ao se considerar uma pessoa desprezível, podendo

culminar no fato de ter compaixão das pessoas ao seu redor por elas viverem próximas a ele. Diante do exposto, o autor aponta que na melancolia há um profundo rebaixamento da autoestima, resposta não observada no luto.

A observação da degradação do próprio ego na melancolia demonstra para Freud (1996) que, contrariamente, no luto o sujeito vivencia aquilo que realmente ocorreu, ou seja, a perda do objeto. O autor engrandece sua argumentação quanto ao exposto ao afirmar que há uma espécie de separação do ego do sujeito melancólico, visto que uma parte do seu ego se revela como um agente crítico ao reprovar e censurar a outra, sendo que assim, “toma-a como seu objeto” (pág. 145). Observa-se, no entanto, que esses julgamentos os quais o agente crítico submete uma parte do ego podem ser comparados com as mesmas críticas que o melancólico faz às pessoas que ama ou às que gostaria de amar. Desta forma, o melancólico realiza recriminações contra o objeto amado as quais são redirecionadas para o seu próprio ego, demonstrando uma resposta de autopunição. Esse processo contribui para o entendimento sobre a constituição do ego não só do melancólico, mas também do próprio ser humano ao concluir que nesta situação ocorreu uma identificação do ego como o objeto, acarretando na famosa frase “a sombra do objeto caiu sobre o ego” (pág. 146).

Diante disso, Freud (1996) supõe que existe uma escolha de objeto do tipo narcísico na melancolia, observação que foi bem explicada no estudo de Sandler (2015), o qual afirma que esse tipo de escolha está relacionado a uma imagem ideal de si mesmo, diferentemente de uma escolha objetal que segue os modelos ofertados pelas pessoas de referência para o sujeito. Sendo assim, a autora relata que a partir da divisão do ego na melancolia, na qual uma parte se contrapõe a outra fazendo desta o seu próprio objeto, ocorre uma identificação narcísica com esse objeto e uma transformação do próprio ego. Ressalta ainda o caráter ambivalente na melancolia ao observar que existe o sentimento de ódio relacionado a um objeto que é ou já foi amado, porém esse ódio é direcionado para o próprio ego do sujeito. Edler (2015) expõe ainda com base no estudo de Freud (1996), o gozo existente no melancólico a partir desta condenação a qual o seu próprio ego é submetido, afirmando haver uma satisfação nesta forma de sofrimento.

Essa autora contribui para o entendimento sobre a perda por morte de uma pessoa querida ao afirmar que a vivência de uma perda a partir da qual o sujeito apresenta uma condição melancólica ao invés do luto não coloca possibilidades de ser simbolizada, pois a parte do ego que é identificada ao objeto perdido pressupõe a perda do próprio sujeito, sendo assim, este se identifica com a perda em si.

Edler (2015) expõe, por fim, que a morte de uma pessoa amada coloca o sujeito em uma condição na qual ele é pressionado a se posicionar e reorganizar-se subjetivamente, de maneira a adaptar-se a nova realidade. No entanto, o acarretamento de uma condição melancólica diante da perda do objeto leva a supor que o objeto perdido realizava uma função de sustentação simbólica fundamental e indispensável para o sujeito.

Carvalho da Silva (2011) faz uma breve leitura de “Luto e Melancolia” ao apontar que se faz necessário um trabalho interno e ativo por parte do sujeito, o qual pressupõe uma tarefa árdua e dolorosa de lembrar para, assim, esquecer. Isso pressupõe para o ser humano a exigência do ato de recordar em seu íntimo a respeito do falecimento da pessoa querida de maneira que ele consiga desenlaçar-se do objeto perdido.

A resenha de Rivera (2012) sobre “Luto e Melancolia” faz uma leitura semelhante ao artigo de Carvalho da Silva (2011) quando ela reconhece que Freud (1996) afirmou ser o trabalho de luto uma tarefa psíquica penosa e processual na qual o sujeito recria e reorganiza a si mesmo, não apenas abdica do objeto que se foi. Ressalta-se a avaliação da autora quando afirma ser um importante aprendizado dado por Freud (1996) o fato de que para se desvencilhar do objeto perdido não são suficientes a morte e o consequente “desaparecimento” dele.

Na mesma linha psicanalítica, o luto é considerado mais abrangente do que aquele trazido por Freud (1996), ao ser argumentado que são diversas as vicissitudes do luto e não apenas aquelas descritas pelo autor. O sujeito enlutado pode apresentar desde um retorno da libido, como observado na recuperação dos vínculos com o ambiente externo até soluções de compromisso sintomáticas (MENDLOWICZ, 2000). Essa autora argumenta ainda sobre um desgastante e doloroso trabalho psíquico que o sujeito vivencia durante o luto, materializado ao se perceber, continuamente, que o objeto foi perdido e se faz mais presente, chamando isso de teste de realidade.

A perda do objeto amado ocasiona no sujeito um mecanismo de introjeção do objeto perdido, o qual dá vida àquilo que está morto, como uma atitude de não permitir a separação entre o enlutado e a figura que faleceu. Percebe-se que esta introjeção se faz breve e passageira nos processos normais de luto, já que nestes o psiquismo apresenta uma maior facilidade em aceitar a realidade da perda, diferentemente dos processos de luto mais complicados, visto que nestes casos o mecanismo de introjeção mostra-se duradouro e angustiante, perpassando o desejo de entrelaçar-se ao objeto perdido. Todavia, esse mecanismo não é um quadro de melancolia necessariamente (MENDLOWICZ, 2000).

Mendlowicz (2000) traz ainda uma discussão na literatura psicanalítica entre a diferença entre os mecanismos de introjeção e de incorporação, sendo que para alguns autores como Ferenczi, este último é entendido como gerador de intenso sofrimento psíquico, pois é nele que o sujeito procura vitalizar o objeto perdido, negá-lo e permanecer fixado a ele, sem possibilidade de metabolização, mesmo diante da realidade da morte. O primeiro, ao contrário, permite a expansão do ego, o fortalecimento dos interesses do sujeito e geração de mudança, pois possibilita que o sujeito tenha clareza quanto à perda do objeto.

Rocha (2007) faz uma discussão filosófica sobre a esperança ao buscar relacioná-la com o luto ao afirmar que a presença ou a ausência de esperança é fundamental para compreender a diferença entre a dor no luto e a dor na melancolia, sendo que na primeira a dor é suportada pela esperança e na segunda a dor é justamente a falta dela. Outra diferença trazida pela autora e baseada no trabalho já abordado de Freud (1917) apresenta-se ao descrever que o luto é estimulado pela pulsão de vida, visto que o sujeito apresenta novos investimentos e experiências. Porém, o melancólico não demonstra afeto pela vida, estando profundamente refreado pela pulsão de morte e, portanto, identificado com o objeto perdido. Então, a esperança é colocada como “princípio fundamental do funcionamento psíquico e da estruturação da subjetividade com a pulsão de vida (Eros) e a desesperança com a pulsão de morte” (pag. 271).

Rocha (2007) ainda compreende o luto como um processo individual o qual tem um tempo de elaboração singular para cada indivíduo, uma vez que no processo de constituição do sujeito os seus investimentos libidinais são seguidos por causas e implicações que surgem do campo inconsciente.

COSTA et al. (2012) apresentaram um estudo de caso de uma pessoa enlutada sobre o qual argumentam que a elaboração da perda de uma pessoa amada perpassa a aceitação do sentimento desta perda e a resignificação da vida. Em um estudo espanhol de Escalante et al. (2014) observa-se a importância de haver um lugar na existência do sujeito para vivência do luto, ou seja, a possibilidade de nomear e falar sobre a morte, da perda da pessoa querida e das consequentes perdas que essa morte causou para o enlutado. Ressalta-se com isso, a necessidade do reconhecimento das demais perdas geradas pela falta do falecido, tanto relacionadas a fatores internos e subjetivos, quanto às ligadas à dinâmica familiar e social do indivíduo.

Escalante e Guzmán (2017) expande o entendimento sobre o parágrafo anterior ao relatarem que há algo desconhecido da qual se perde para além da perda do objeto, pois

também se perdem as propriedades que versavam sobre o laço de identificação entre o enlutado e o falecido. De acordo com o discurso dos enlutados, é como se algo paralisasse o sujeito diante da morte de uma pessoa querida.

O luto desafia as estratégias de enfrentamento, pois prejudica o equilíbrio psicológico e social, sendo assim uma crise de vida. No entanto, como as demais crises de vida, é uma experiência que possibilita a elaboração da experiência (MOTA, 2008). O luto também tem a capacidade de desenvolver-se em diferentes caminhos de transformação e não é compreendido apenas como uma experiência entristecedora. Tanto que existem definições teóricas do luto que compreendem a experiência do enfrentamento à perda como uma extensa reconstrução da vida e renúncia dos padrões antigos de comportamento, diferentemente do que somente um retorno das tarefas anteriores à morte da pessoa querida (GREGIO et al., 2015).

O LUTO NO ADOLESCENTE

A apresentação anterior sobre a adolescência e sobre o luto teve como objetivo amparar o estudo realizado sobre o luto no adolescente diante da perda de uma pessoa querida. Para tal, foram revisados alguns estudos da literatura os quais trataram especificamente deste tema, salvo algumas diferenças no objeto de pesquisa.

Primeiramente, ressalta-se que o adolescente precisa lidar com emoções e sentimentos os quais ainda não sabe administrar e necessita de um período para elaborar de forma simbólica as experiências (TANIS, 2009). Assim, a adolescência é uma fase da vida em que é colocada ao sujeito a necessidade de amadurecimento emocional para tratar as situações que a vida lhe impõe (DOMINGOS; MALUF, 2003), como as demandas do corpo em transformação diante da invasão da puberdade (ABERASTURY, 1990) e aquelas que vêm do Campo do Outro (RUFFINO, 1993), como a separação progressiva dos pais.

Na adolescência o sujeito depara-se com o luto pela perda do corpo e dos ideais infantis, com o processo de separação dos pais, e, além disso, com a provocação para adotar modelos que sirvam de base para a construção de sua identidade. Desta forma, a adolescência por si só já possui suas perdas, pois o sujeito precisa se soltar da infância para lidar com experiências que levam e exigem tomadas de decisões, além de atitudes e de comportamentos pautados em maior autonomia e responsabilidade. O adolescente precisa diferenciar-se das figuras de cuidado, e para tal, a confiança básica em si e no mundo faz-se crucial a fim de possibilitar uma definição para além da identidade infantil. Além disso, enfatiza-se a

importância da capacidade do indivíduo de ter um senso de controle e de previsibilidade dos eventos a fim de construir uma base segura para responder às exigências, enfrentar os desafios e assumir os compromissos (MOTA, 2018).

A autora citada acima argumenta que, diante de todos esses desafios referentes à adolescência, a vivência da perda por morte de uma pessoa amada requer um trabalho ainda mais intenso de elaboração para o adolescente, o que pode ocasionar a exaustão de suas defesas e a presença de comportamentos extremos e/ou arriscados. Considerando o luto como uma manifestação frente ao rompimento de uma relação afetiva, somado à própria vulnerabilidade da adolescência, esse tipo de perda pode oferecer complicações para o adolescente durante seu processo de autonomia e de independência, além de influenciar a construção e a manutenção de seus vínculos afetivos, as formas de lidar com as perdas que se sucederão ao longo de sua existência e a confiança que terá em si e nos outros.

Como já abordado, a construção da identidade diferenciada dos papéis infantis faz-se um ponto central. Desta forma, a experiência da morte de uma pessoa com a qual o adolescente tinha um vínculo tão significativo a ponto de ser uma questão de sobrevivência pode gerar o sentimento profundo de desamparo, visto que sua segurança se coloca ameaçada (DOMINGOS; MALUF, 2003). A morte transparece para as pessoas, inclusive para os adolescentes, que eles carecem de algumas defesas, bem como que apresentam fragilidades e fraquezas. Isso influencia na construção de sua identidade, uma vez que a sensação de segurança é um dos pilares para tal (MELES, 2014).

Meles (2014) associa as semelhanças entre o luto diante da morte de uma pessoa querida e a adolescência, concluindo que ambos são crises de identidade. No primeiro, o sujeito precisa desenvolver características as quais dará um novo formato a sua identidade, haja vista que a perda da pessoa amada evidencia que haverá uma situação irreversível durante sua existência e, por isso, ele precisará construir novos recursos para elaborar essa vivência. Já na adolescência, o sujeito desenvolve novas percepções sobre si e sobre o mundo influenciado pelas mudanças corporais e psíquicas desta fase. Além disso, constrói relacionamentos para além de sua família, o que influencia nas modificações de sua própria identidade.

Tanis (2009) relata que, em uma relação, o outro auxilia o sujeito na construção e na sustentação da imagem que a pessoa tem de si mesma. No entanto, quando o sujeito se depara com a morte de uma pessoa amada a qual representa esse outro, ela procura realizar laços identificatórios com o objetivo de neutralizar o sofrimento desencadeado pela ameaça de

perder o sentimento de ter sua própria identidade. Desta forma, a falta daquilo que foi perdido pode desorganizar as representações de si mesmo.

Esse autor também elabora um ponto importante ao colocar que o adolescente tenta encarar, urgentemente e em breve espaço de tempo, as exigências pulsionais e externas às quais está subjulgado. Todavia, a elaboração da perda de uma pessoa querida demanda do sujeito um período fatigante e extenso de tempo, visto que o enlutado se defronta com uma experiência marcada por diferentes nuances, como o reconhecimento da ausência do falecido, um possível retraimento dos investimentos nos demais relacionamentos e a ressignificação das identificações, com a ressalva de que essas ainda estão em processo de construção.

Ruffino (1993) associa-se à compreensão de Freud (1917) ao realizar uma associação entre o luto e a melancolia como condições possíveis apresentadas pelo adolescente diante do encontro com o real da puberdade. Segundo o autor, a adolescência é considerada um trabalho de luto pelas perdas da infância e dos recursos simbólicos que a sustentavam. Além disso, é uma operação psíquica, ou seja, uma tarefa que possibilita a elaboração destas perdas, pois o adolescente assumirá a missão de buscar um significante que o ancore. Por outro lado, a melancolia é a condição que o adolescente assume ao não buscar o significante que lhe dê sustentação e que organize o aturdimento gerado pelo encontro com o real da puberdade, sendo assim, ele permite ser assujeitado pela sideração. Portanto, o luto permitirá o enfrentamento e a minimização da tristeza diante destas perdas, mas a melancolia não permite nem mesmo a realização do luto.

A literatura alerta sobre a necessidade de compreensão do sentido e até mesmo a falta de sentido atribuído à perda, bem como aquilo que foi desenvolvido pelo adolescente antes da morte da pessoa amada e a influência de seu ambiente e de suas relações na construção de significados, como observado em Mota (2008). Essa autora argumenta que apesar de o adolescente ter conhecimento e compreender a irreversibilidade e a universalidade da morte, ele pode não perceber o sentido dela, visto que ele se encontra com a percepção elevada de imortalidade, pois vivencia uma sensação de invulnerabilidade. Além disso, ele está rodeado por uma sociedade que prega, demasiadamente, o fervor da vida, ou seja, a extensão das experiências para além dos limites. A autora considera-se que as expectativas, metas, crenças e vulnerabilidades do adolescente influenciarão as reações que ele apresentará diante da morte de uma pessoa querida para ele. Desta forma, não basta o entendimento quanto ao significado da perda em si na vida deste indivíduo, mas também os significados e os projetos que ele

construiu na presença da pessoa amada e as circunstâncias que o circundam tanto antes como depois da perda.

A importância de atentar-se para o comportamento do genitor sobrevivente para a compreensão do luto na adolescência também foi abordada por Mota (2008), ao afirmar que as respostas dadas pelo adolescente nesta experiência estão relacionadas às respostas dos cuidadores que permaneceram, como a oferta por parte deles de continência afetiva, zelo, dedicação e atenção para com o adolescente. No caso especificamente deste estudo o qual foi pesquisado sobre o luto do adolescente diante da morte do pai, a autora observou que pode ocorrer uma carência de cuidados ao adolescente pelo genitor sobrevivente, visto que, possivelmente, este também se encontra em luto. Essa situação tende a ser atenuada pela presença dos irmãos, pois esses têm a capacidade de realizar a função de suporte mútuo, instigando o compartilhamento de emoções, sentimentos e percepções sobre a perda.

Observou-se na literatura sobre o luto a importância de o enlutado expressar sua dor. Meles (2014) argumenta que o adolescente pode desviar-se de sua própria dor, apresentando um mecanismo de defesa contra o sofrimento gerado pelo contato com a realidade da perda. No entanto, a não manifestação do pesar também acarreta sofrimento e consequências negativas para o sujeito. Desta forma, faz-se primordial a oportunidade do jovem compartilhar seus sentimentos em relação à perda em um ambiente acolhedor e de apoio mútuo porque a dor da perda precisa ser comunicada para que a vida seja ressignificada. Mota (2018) também enfatiza sobre a importância do jovem estar em um ambiente que possibilite a comunicação de sentimentos, emoções e percepções relacionadas à perda para facilitar a resolução do luto, tanto que um dos questionamentos principais para compreender o luto relaciona-se às condições que o enlutado apresenta para dizer desta experiência. Mazorra (2009) relata que “a verdadeira restauração só é possível se houver espaço para significar e integrar a perda; caso contrário, pode haver uma restauração somente aparente (pág. 202)”.

Meles (2014) ressalta que a percepção de ser digno de ser amado e a postura aberta para o recebimento de afeto são primordiais para a elaboração da perda, sendo que essas são características desenvolvidas durante a primeira infância em crianças que tiveram experiências com figuras de cuidado disponíveis e acolhedoras. Então, a importância de um reinvestimento emocional para novos objetos, ou seja, a construção de relacionamentos pautados pelo afeto e pela confiança e a reconstrução dos vínculos já estabelecidos.

Mota (2008) considera que luto é também compreendido como uma oportunidade para o adolescente rever conceitos, readaptar-se diante das situações e reconstituir a vida a partir de

novos projetos e investimentos. Isso significa que a morte da pessoa amada suscita dificuldades para o desenvolvimento do indivíduo, mas também tem o potencial de auxiliar no gerenciamento das crises, ou melhor, na redução dos impactos acarretados pelas adversidades da vida.

DISCUSSÃO

A discussão deste estudo apresentará uma análise comparativa entre as pesquisas levantadas. Cabe ressaltar que este estudo não tem o objetivo de dizer quais as correntes teóricas têm mais relevância para o entendimento do luto no adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida e sim, que sejam apresentadas diferentes formas de conhecimento deste tema e como elas podem convergir-se a fim de compreendê-lo.

Como dito anteriormente, a adolescência é considerada um sintoma por Ferreira (2016), Lacadée (2011) e Stevens (2004). Esse entendimento vai ao encontro da argumentação de Ruffino (1993) a qual apresenta que o sujeito precisa adolecer para lidar com as transformações corporais e psíquicas, com as exigências sociais, e, além disso, com a constatação de que a infância não será perpetuada, mas que, concomitantemente, há uma travessia até ser adulto.

Além dos desafios enfrentados pelo sujeito ao finalizar a infância, Osório (1991), Aberastury (1990) e Dias (2000) apontam as perdas dos papéis infantis e do corpo infantil e diante destas perdas, ele vivencia lutos particulares. Entende-se ainda que as transformações corporais no adolescente geram modificações na imagem corporal, além de se fazerem presentes o processo de separação dos pais e a busca pelo objeto de amor no mundo externo ao ambiente familiar.

De forma a compreender as respostas que o sujeito oferta frente às questões vivenciadas na adolescência, Lacadée (2011) anuncia que cada adolescente construirá a sua própria solução e dará uma resposta singular da qual apresentará um discurso marcado por significantes próprios para se inscrever no laço social. Ruffino (1993) converge com esse autor ao dizer que as transformações trazidas pela puberdade colocam o sujeito diante do encontro com o real, ou seja, com algo que causa perplexidade e, diante disso, o adolescente busca no campo simbólico respostas às vivências deste período.

A princípio, o real da puberdade que acomete o sujeito no momento de iniciar sua adolescência não pode ser comparado a um possível encontro com o real diante da perda de uma pessoa querida, pois não há embasamento teórico para isso neste estudo. No entanto, o

fato do luto ser uma busca de significado para a perda do objeto amado faz supor que a experiência de perda é algo que, a princípio, é difícil de ser nomeado e que pode gerar atordoamento no sujeito.

Levando em consideração o entendimento de Ruffino (1993) sobre o significado do real, compreende-se este como aquilo que acomete brutalmente o sujeito, o que dificilmente se consegue suportar, escapando à possibilidade de nomeação e de oferta de sentido por meio da linguagem. Portanto, destaca-se que não a perda em si, mas a própria morte pode ser comparada com um encontro com o real. A morte de uma pessoa querida está para além de uma experiência de perda, pois se apresenta como uma ausência profunda de sentido. Como dito por Mota (2008), mesmo que o adolescente seja capaz de compreender as características físicas da morte, como a sua universalidade e sua irreversibilidade, ele pode apresentar dificuldades em dar sentido para ela. Sendo assim, interpreta-se que o adolescente pode ter complicações para ordenar a experiência de morte, de defini-la, dar-lhe significado e fundamento, por fim, de elaborá-la.

O estudo de Freud (1917) dispõe que no luto, a princípio, há um desinteresse no mundo externo e naquilo que não lembra ou não representa o objeto perdido. Portanto, mais do que observar a falta de sentido da morte, deve-se considerar também um esvaziamento do sentido da vida frente ao encontro com o real da morte de uma pessoa amada.

A literatura possibilita a associação entre adolescência e o luto, de forma a clarificar este estudo. Essa associação foi observada entre o estudo de Mazorra (2009) e o de Ruffino (1993). Pontua-se que os dois estudos não possuem as mesmas linhas teóricas, porém não invalida a comparação entre a vivência do luto e a vivência da adolescência.

Segundo Mazorra (2009), o luto é um processo de busca de significado na qual ocorre a transformação e a ressignificação da relação com a pessoa perdida. Portanto, a perda por morte de uma pessoa querida desencadeia um processo do qual o sujeito se movimenta para encontrar significados que traduzam sua experiência. Paralelamente a esse entendimento, Ruffino (1993) aponta três tempos na adolescência, sendo que a denominada “tempo de olhar” caracteriza-se pela busca de um significante que dê sustentação, como se fosse uma âncora na qual o sujeito possa estabilizar sua identidade e dar respostas às exigências internas e externas. O sujeito busca parâmetros para dizer o que ele é e o que ele quer ser no mundo, sendo assim, ele procura responder simbolicamente as demandas advindas do Campo do Outro.

Diante disso, observa-se que a perda por morte de uma pessoa querida possibilita no adolescente a vivência do luto como uma verdadeira procura de significado para esta experiência, assim como ele vem buscando encontrar palavras para nomear os desafios impostos a ele na adolescência. Mazorra (2009) afirma que o luto é um processo do qual o sujeito construirá uma narrativa pessoal para organizar o que se mostra tão confuso que é a vivência da perda. O “tempo de olhar” relatado por Ruffino (1993) refere-se ao período no qual o adolescente exercerá a sua adolescência, ou seja, ele buscará respostas quanto ao seu lugar no desejo do Outro e construirá respostas nas quais possa se reconhecer.

Ruffino (1993) apresenta o “momento de concluir” como aquele em que o adolescente apresentará sua própria construção subjetiva sustentada no campo simbólico e assim, será o momento de resolução da adolescência. Mazorra (2009) não apresenta o luto como um processo em que há resolução, mas uma transformação e ressignificação do vínculo perdido e significativa reconstrução do mundo interno.

Freud (1996) coloca que o luto ou a melancolia são formas do sujeito responder à perda de um objeto amado. A leitura de Ruffino (1993) quanto ao texto deste autor oferece subsídio para compreender que o adolescente poderá apresentar a condição de luto ao construir um discurso o qual possa organizar e dar sentido às perdas sofridas diante da perda da infância. Por outro lado, poderá apresentar uma condição melancólica por meio da qual não serão permitidos o trabalho de luto e a transposição do sofrimento. Assim, na melancolia não é concretizada a simbolização da perda, como também relatado por Edler (2015).

Diante do exposto, observa-se que o luto é uma condição na qual o sujeito constrói um discurso a fim de que a perda não deixe de ter um significado singular para ele. No entanto, na melancolia não há nem mesmo essa construção.

Menslowicz (2000) não contrapõe a visão do Freud (1996) no que se refere à apresentação do luto ou da melancolia frente à perda do objeto amado, mas abrange a percepção sobre o luto ao afirmar que o sujeito pode assumir diferentes destinos que vão desde respostas sintomáticas ao reinvestimento no mundo externo.

Rocha (2007) e Meles (2014) apontam que cada sujeito vivencia seu luto de maneira singular, sendo assim, em cada luto há uma história e uma narrativa as quais caracterizarão a experiência de perda. Assim como o luto é apontado desta maneira, Lacadée (2011) afirma que o adolescente também responde de maneira singular às demandas surgidas na adolescência. Diante disso, mesmo diante da compreensão de que a perda por morte do objeto amado acarreta um trabalho de difícil elaboração para o adolescente, uma vez que, segundo

Mota (2008) poderá ocorrer o esgotamento de suas defesas em decorrência do acúmulo de demandas psíquicas, ressalta-se que ele responderá de forma única a estas experiências.

Meles (2014) apresenta um padrão básico do luto seguido de fases construído por Jonh Bowlby, o que revela alguma divergência do pensamento de Rocha (2007), Meles (2014) e de Lacadée (2011). Percebe-se que essa sequência de tempos lógicos vai desde um estado de choque diante da notícia da morte da pessoa querida e a presença de emoções intensas até um período de aceitação da perda e reconstrução da vida. Essas fases estão sujeitas a variações individuais, por isso entende-se que elas não devem servir para enrijecer o entendimento quanto às respostas frente à perda.

Esse padrão apresentado acima não converge com o pensamento de Tanis (2009), pois ele aponta que, no caso do adolescente, ele precisa de tempo para elaborar simbolicamente suas questões subjetivas, haja vista que ainda está desenvolvendo habilidades para lidar com elas. Ainda segundo o autor, não somente as questões vivenciadas na adolescência, mas também a morte de uma pessoa amada pressupõe que um trabalho psíquico seja realizado pelo sujeito no decorrer de um período extenso.

Gregio et al. (2015) apresentam o Modelo do Processo Dual do Luto, o qual ao invés de argumentar que o luto é um processo caracterizado por uma sequência de fases no qual o sujeito sai de uma condição de profundo sofrimento e não aceitação da perda até novamente retornar o investimento no mundo externo e adaptar a própria vida sem a presença da pessoa amada, afirma ser o luto um processo dinâmico e oscilatório caracterizado por respostas voltadas para o pesar sentido pela perda da pessoa querida e por respostas voltadas para a construção e manutenção de vínculos, planejamento e execução de projetos e modificação da rotina sem a presença da pessoa.

O Modelo do Processo Dual do Luto aponta um fator importante ao dizer que os sentimentos, as emoções e as recordações expressados pelo enlutado referentes à perda do objeto não são somente manifestados logo depois desta perda ou no início do luto, mas é normal e até mesmo importante que se apresentem ao longo deste processo. A relevância dada a essas respostas ligadas ao enfrentamento orientado para a perda converge com que Meles (2014), Mota (2018) e Mazorra (2009) argumentam quanto à necessidade de o sujeito vivenciar e expressar seu próprio sofrimento devido à perda, de forma que esta seja aceita, integrada e ressignificada.

Escalante et al. (2014) ressalva que demais perdas podem incidir com a perda do objeto e Mota (2008) ressalta que as funções exercidas pela pessoa perdida podem vir a ter

que ser executadas pelo enlutado, gerando crises para além da experiência de luto e a necessidade do sujeito realizar uma tarefa psíquica ainda mais extenuante. Frente a isso, Mota (2008) enfatiza a importância da presença de uma pessoa que ofereça segurança ao adolescente.

A presença de uma pessoa que assegure essa proteção ao adolescente diante da perda de uma pessoa querida pode ser comparada ao que Greggio et al. (2015) aborda sobre as mudanças ocorridas no mundo presumido do sujeito quando este se depara com a realidade trazida pela morte. Segundo os autores, a morte necessariamente modificará as crenças que o sujeito tem sobre o mundo e sobre como as coisas ocorrem normalmente. No entanto, pode-se prever que, após a perda da pessoa querida, a presença de uma pessoa que dê sustentação e apoio subsidiará a reconstrução do mundo presumido do adolescente de forma a contribuir para que ele se sinta seguro e amparado.

O estudo permite observar a importância de analisar a função que a pessoa querida desempenhava na vida do sujeito para compreender seu luto. Desta forma, é importante destacar a Teoria do Apego, de John Bowlby.

Segundo essa teoria, o apego desenvolvido pelo sujeito envolve a sua forma de estabelecer e manter os vínculos, sendo tais constituídos na tenra infância para a garantia da própria sobrevivência (PARKES, 2006). Ainda segundo o autor tanto a criança quanto a figura de apego trabalham para garantir esse vínculo. Mota (2008) dirige-se para o mesmo entendimento, visto que ambos afirmam que a função da figura de apego é ofertar uma base segura para o sujeito conhecer, descobrir e analisar o ambiente externo com a confiança necessária para distanciar-se desta pessoa de referência sem apresentar elevado sofrimento quando esta se ausentar. Portanto, essa figura suscita modificações nas percepções e nas crenças do sujeito, visto que ela contribuirá significativamente para a forma de construção dos posteriores vínculos.

Mazorra (2009) relata que a pessoa que desenvolveu um apego seguro vivenciou experiências na infância com uma figura de apego a qual teve disponibilidade para os cuidados e responsabilidade na oferta de proteção e de segurança. Afirma ainda que pessoas que desenvolveram um apego seguro possuem características importantes para a elaboração do luto, como percepções positivas sobre si mesmas e sobre o mundo, bem como confiança nos outros para permitir a presença de pessoas que possam lhe ajudar. Meles (2014) converge com esse entendimento, pois conclui que as pessoas que desenvolveram o apego seguro possuem a percepção de ser digno de ser amado e de amar, contribuindo para o cuidado com si próprio e para o investimento em novos relacionamentos e em futuros projetos.

No entanto, o sujeito que desenvolveu o apego inseguro teve experiências com a figura de apego caracterizadas por um vínculo instável e ambíguo do qual ele percebe não haver garantia de sobrevivência. Desta forma, o sujeito desenvolveu mecanismos de defesa para não lidar com a própria carência de apego, o que gera consequências para a elaboração do luto, haja vista que o sujeito apresenta empecilhos para lidar com a perda e para que a relação como objeto perdido seja ressignificada (MAZORRA, 2009).

A Teoria do Apego pode vir a gerar discussões a respeito do acometimento da perda por morte da figura de apego na vida do adolescente. Tendo em vista que a figura de apego oferta segurança para a sobrevivência o sujeito, é possível associar com a afirmação de Domingos et al. (2003) referente ao desamparo vivenciado diante da morte de uma pessoa a qual desempenhava essa função.

Neste estudo faz-se relevante ressaltar a construção da identidade pelo adolescente ao considerar que um dos objetivos da adolescência é o desenvolvimento da consciência de ter uma identidade na qual o sujeito possa se reconhecer no âmbito de suas relações (OSÓRIO, 1991), bem como o relevante sofrimento do adolescente ao deparar-se com o sentimento de vir a perder a própria identidade a partir da perda do objeto amado, pois essa pessoa lhe dava sustentação para a construção de sua própria imagem (TANIS, 2009).

Percebe-se, portanto, que perda de uma figura que servia de referência para a construção da identidade precisa estar no escopo da discussão sobre o luto no adolescente, dada a afirmação trazida por Meles (2014) de que o adolescente necessitará desenvolver percepções e crenças sobre si mesmo e sobre o mundo, bem como adaptar-se frente à nova realidade apresentada após a morte da pessoa amada, o que conseqüentemente demanda mudanças de identidade. Portanto, observa-se que o adolescente precisará recriar e reorganizar a si mesmo diante da perda, mas em um momento de formação de identidade, a qual é adolescência.

Além disso, cabe destacar que, segundo Ferreira (2016) e Lacadée (2011) o adolescente necessita de recursos simbólicos para exercer a sua adolescência, pois aqueles construídos na infância poderão não ser suficientes para tal, o que faz supor que serão as balizas simbólicas adquiridas na infância que darão suporte para a organização do sujeito. Haja vista que Lacadée (2011) aponta um destino para a resolução das questões advindas com a puberdade ao afirmar que o sujeito poderá construir uma resposta autêntica e única para as demandas que advém do Campo do Outro. Segundo Ruffino (1993), será a própria

adolescência que permitirá o desenvolvimento da subjetividade do adolescente, uma vez que ele não tem um discurso construído que responda aos desafios que são submetidos a ele.

A discussão apresentada até o momento leva a entender que existe uma debilidade de sustentação simbólica no adolescente, ou seja, há uma precariedade de significantes que lhe dê ancoragem e nos quais possa se apoiar para o enfrentamento das demandas do mundo externo e das próprias transformações puberais. Avalia-se, portanto, que além de gerar consequências na adolescência, também poderá acarretar complicações para a elaboração da perda por morte de uma pessoa querida, visto que além da perda, o próprio vínculo com a pessoa perdida precisará ser ressignificado.

No entanto, isto não deve ser confundido com a falta de simbolização da perda apresentada na condição melancólica afirmada por Edler (2015), visto que o adolescente poderá apresentar o trabalho de luto como condição para o enfrentamento da perda. O que a autora aponta é que, visto o sofrimento apresentado na melancolia, possivelmente o objeto perdido dava algum tipo de ancoragem ao sujeito.

Diante do exposto, observa-se que a carência de sustentação simbólica no adolescente e a perda de uma pessoa com a qual ele tinha um vínculo que lhe auxiliava na construção de sua identidade e que o protegia deste sentimento de desamparo devem ser pautadas como possíveis complicadores para seu luto. Vale observar também, que o luto ocorre em um momento em que o sujeito encontra-se em um período de passagem da condição infantil para adquirir características da condição adulta, o que facilita a compreensão do pensamento de MOTA (2009) ao trazer que esse tipo de perda tem potencial para dificultar o processo de construção da autonomia do adolescente, além de exercer influência na caracterização tanto de seus vínculos atuais quanto daqueles que serão construídos, bem como dos que serão posteriormente perdidos.

CONCLUSÃO

A discussão a partir da literatura realizada por este estudo foi guiada pelo questionamento quanto às possíveis complicações do luto no adolescente diante da perda por morte de uma pessoa querida.

Por meio da revisão bibliográfica e da análise comparativa entre os autores, observa-se que a construção de respostas a serem dadas através de um trabalho psíquico intenso se faz presente tanto no luto quanto na adolescência, o que pode gerar um esgotamento ou uma ultrapassagem das defesas do adolescente, uma vez que o acúmulo de demandas psíquicas

precisa ser considerado quando se aponta para os potenciais complicadores do luto no adolescente.

Avaliou-se a importância de analisar o impacto da perda por morte de uma pessoa querida nas respostas dadas pelo adolescente às demandas advindas da puberdade. Observou-se a partir deste estudo que até mesmo as formas que o adolescente desenvolve para lidar com as experiências vividas na adolescência serão influenciadas caso houver a perda de uma pessoa querida, visto que esta experiência pode gerar impactos na construção e na manutenção de seus vínculos, na percepção da confiança em si e nos outros e no processo para alcançar sua autonomia.

Observa-se que a literatura tende a conceituar o luto de forma a não considerar o ciclo de vida do sujeito, o que leva ao entendimento de que o luto no adolescente é similar a de qualquer enlutado e que está sujeito às mesmas variáveis, como o tipo de relação com a pessoa perdida e a oferta ou não de apoio mútuo. No entanto, cabe ressaltar que frente aos aspectos abordados sobre a adolescência, faz-se novamente necessário considerar as particularidades desta etapa da vida para a compreensão do luto no adolescente, principalmente no que se refere ao fato do adolescente apresentar uma carência de sustentação simbólica. Este fator é de suma relevância para analisar dificuldades de elaboração da perda do objeto e, não por menos, mostrou-se ser essencial para responder à pergunta deste estudo, pois a insuficiência de recursos simbólicos que consigam responder às novas demandas desta etapa da vida destaca-se como um ponto primordial ao considerar possíveis complicadores do seu processo de luto.

Frente a isso, ressalta-se a importância da realização de pesquisas que abordem as consequências da carência de recursos simbólicos no adolescente enlutado. Além disso, observa-se que há significativa relação entre a perda de sustentação simbólica com a argumentação de Stevens (2004) sobre as questões relacionadas ao conceito de declínio da função paterna ou do Nome-do-Pai, como abordado por Lacan. Esses conceitos não foram aplicados neste estudo, tendo em vista que este estudo carece de maior detalhamento para serem correlacionados ao tema deste trabalho. Todavia, mostram-se relevantes para elucidar possíveis implicações para a vivência do luto e para a elaboração da perda de uma pessoa querida.

Diante do exposto sobre a Teoria do Apego, ressalta-se a importância de analisar como se desenvolveram os vínculos na infância e o apego construído pelo sujeito para a compreensão do luto no adolescente diante da perda de uma pessoa querida. Além disso, esta

teoria oferece subsídio para compreender o luto caso a perda for decorrente da morte da figura de apego, situação que poderá ser mais bem explorada em futuras pesquisas.

A revisão da literatura permitiu concluir quanto à necessidade do adolescente enlutado ter apoio no ambiente externo e suporte familiar para o compartilhamento e expressão de sentimentos e emoções ligados à perda da pessoa querida, de modo ao sujeito construir um discurso que dê significado a esta experiência. Além disso, pode ser de importância durante o luto a presença de uma pessoa que transmita segurança e afeto ao adolescente, haja vista, dentre outras questões, a carência de sustentação simbólica do adolescente.

O Modelo do Processo Dual do Luto se faz significativo para o entendimento quanto a ser normal e esperado que o adolescente, assim como as demais pessoas, apresente respostas de sofrimento e de pesar diante da morte da pessoa amada, e mais, de que é necessária a expressão destes sentimentos para o enfrentamento da perda.

Destaca-se ainda a significativa relevância do texto “Luto e Melancolia”, de Sigmund Freud (1996) para o fomento de diversos estudos que ampliaram o conhecimento quanto possíveis condições que o sujeito pode apresentar diante da perda de um objeto amado. No que ainda se refere à abordagem psicanalítica, avalia-se a significativa contribuição do estudo de Ruffino (1993) para o conhecimento sobre a adolescência e para os parâmetros de comparação entre a adolescência e o luto, pressupondo que ele pode contribuir para a produção de novas pesquisas sobre o luto no adolescente.

Por fim, cabe ressaltar que o luto é uma experiência humana geradora de significativo sofrimento, mas da qual o adolescente realiza um trabalho psíquico intenso de busca de significado, além de ter que se readaptar diante das mudanças acometidas pela perda da pessoa amada. Diante disso, o luto apresenta expressivo potencial para ser uma experiência transformada para o adolescente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. Tradução de Ruth Cabral. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 246 p.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; MORENO, Rafael Souza Moreno; EUGENIO, Daniella Soares; SALA, Danila Cristina Paquier; VIEIRA, Thais Fernanda; BRUNO, Priscila Rabelo. Os rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 03, p. 404-411. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/04>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BOUSSO, Regina Szylyt et al. A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 3, p. vii-viii, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000300001>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CARVALHO DA SILVA, Paulo José. Lembrar para esquecer: a memória da dor no luto e na consolação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 14, n. 4, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v14n4/v14n4a10.pdf> >. Acesso em: 29 ago. 2018.

COSTA, Mônica; PINHEIRO MOTA, Catarina; MILHEIRO, Cláudia. Angústia de uma perda—caso Maria: uma abordagem terapêutica. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 197-213, 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n2/v25n2a12.pdf> >. Acesso em 28 ago. 2018.

DIAS, Sandra. A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência. **Psicologia USP**, São Paulo, v.11, n.1, p. 119-135, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642000000100008&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2018.

DOMINGOS, Basílio; MALUF, Maria Regina. Experiências de Perda e de Luto em Escolares de 13 a 18 Anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 577-587, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a16.pdf> >. Acesso em: 2 nov. 2016.

EDLER, Sandra. **Luto e melancolia: à sombra do espetáculo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 125 p.

ESCALANTE, Hada Soria; GUZMAN, Mario Orozco; PEÑALOZA, Judith López; RUIZ, Silvia Rosa Sigales Ruiz. Condiciones violentas de duelo y pérdida: un enfoque psicoanalítico. **Pensamiento Psicológico**, v. 12, n. 2, p. 79-95, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-89612014000200006&lang=pt >. Acesso em 28 ago. 2018.

ESCALANTE, Hada Soria; GUZMAN, Mario Orozco. La gravedad del duelo como acontecimiento. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 497-510, 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v20n3/1415-4714-rlpf-20-3-0497.pdf> >. Acesso em: 28 ago. 2018.

FERREIRA, Roberto Assis. Adolescência: o que é?. In: SEMINÁRIO DE ABERTURA SOBRE ADOLESCÊNCIA DO NIPPM, n. 17., 2016, Belo Horizonte. Belo Horizonte: **Almanaque on-line: Revista eletrônica do IPSM-MG**, 2016. Disponível em: <<http://almanaquepsicanalise.com.br/adolescencia-o-que-e/>>. Acesso em: 18 de set. 2018.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia, 1917 [1915]. In: _____. **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a Metodologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 139-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14). Disponível em: < <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf> >. Acesso em: 19 de set. 2018.

GREGIO, Claudia; CASELLATO, Gabriela; HISPAGNOL, Isabela; MAZORRA, Luciana; MANZOCHI, Luiz Antonio; FRANCO, Maria Helena Pereira; OLIVEIRA, Sandra; TORLAI, Viviane. O luto desencadeado por desastres. In: FRANCO, Maria Helena Pereira (Org.). **A intervenção psicológica em emergência: fundamentos para a prática**. São Paulo: Summus, 2015. 336 p.

LACADÉE, Philippe. **O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2011. 175 p.

MAZORRA, Luciana. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 2009. 265f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2009.

MELES, Marina Candiani. **O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2014.

MENDLOWICZ, Eliane. O luto e seus destinos. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 87-96, 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/agora/v3n2/v3n2a05.pdf> >. Acesso em 28 ago. 2018.

MOTA, Monica Maria de Angelis. **O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental**. 2008. 203f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.

NASCIMENTO, Cecilia Cassiano et al. Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 6, n. 2, p. 426-449, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200008 >. Acesso em: 16 out. 2018.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescência hoje**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1991. 103 p.

PARKES, Collin Murray. **Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações**. Tradução de Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 2006. 446 p.

ROCHA, Zeferino. Esperança não é esperar, é caminhar. Reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 255-273, 2007. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v10n2/1415-4714-rlpf-10-2-0255.pdf> >. Acesso em: 28 ago. 2018.

RUFFINO, Rodolpho. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, Clara Regina et al. **Adolescência: abordagem psicanalítica**. São Paulo: EPU, 1993. 184 p.

STEVENS, Alexandre. Adolescência: sintoma da puberdade. Tradução de Jorge Pimenta. **Curinga: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas**, Belo Horizonte: n. 20, p. 27-39. 2004.

TANIS, Bernardo. Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 39-50, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v43n3/v43n3a05.pdf> >. Acesso em 28 ago. 2018.